



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO
CAMPUS RIO DE JANEIRO

Rua Senador Furtado, 121/125 – Maracanã – Rio de Janeiro - RJ

CEP 20.270-021 – Tel.: (21) 2566-7711

Ata da Reunião do Conselho Pedagógico de Campus – CPC

04 de abril de 2023

Aos quatro dias do mês de abril de dois mil e vinte e três teve início no ambiente virtual, pela plataforma *Google Meet*, a reunião do do Conselho Pedagógico de Campus - CPC, sob a presidência do Diretor de Ensino, Professor Eduardo Coelho. Com a palavra, o diretor agradeceu a presença de todos e colocou o link da lista de presença. A pauta do CPC deste dia, segundo o diretor Eduardo, foi a discussão do formato dos cursos técnicos. Disse que a carta para a Proen já estava sendo finalizada e que seria enviada para que todos pudessem colocar suas contribuições; ficou faltando também dizer se será feito um convite à proen para uma reunião ou se o Campus se disponibilizaria para uma reunião caso se entenda necessário fazer os esclarecimentos. A seguir, o diretor Eduardo colocou a enquete sobre a abordagem da carta (convidar para a reunião ou disponibilizar o Campus para a reunião) e venceu a opção dois.

O diretor Eduardo relembrou sobre a aprovação da ata do dia 20 de dezembro que ficou faltando as contribuições das coordenações de Processos Químicos. Todos aprovaram a ata. Justificou o atraso com as atas devido a licença médica da servidora Marisa.

Deu seguimento falando sobre o segundo ponto da pauta: posição dos estudantes na reunião de 28 de março. Eles pontuaram como mais importante a dificuldade em relação ao sábado por causa do transporte e o tempo reduzido para o estudo. Deram preferência aos contraturnos de dois tempos. Destacaram a importância da alimentação ser oferecida pela instituição e dos atrasos de bolsas de monitoria e do PAP. Também deram preferência por cursos de 3 anos, porém sem aumentar a sobrecarga de avaliações e o tempo de permanência semanal na instituição, devido à saúde mental dos estudantes, que está cada vez mais prejudicada. Eduardo pede que seja conversado o quanto antes com os estudantes, de preferência com os alunos dos últimos períodos.

A seguir, o diretor disse que enviará um arquivo para os professores poderem simular a carga horária dos cursos. Ele apresentou nove parâmetros: duração do tempo de aula, número de semanas letivas, número de períodos com sábado e tempos livres semanais. O Excel enviado dará como resposta o número de contraturnos disponíveis para ser avaliada a viabilidade das propostas. Na opção 1, que é a mais parecida com o formato atual, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 45 minutos de tempo de aula, 18 semanas, recuperação final, nenhum tempo livre na semana, 5 períodos com sábado e contraturnos de 30 tempos (5 x 6t). Na opção 2, que já se sabe que não deu certo, temos a duração de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 45 minutos de tempo de aula, 18 semanas, recuperação final, 2 tempos livres na semana, 5 períodos com sábado e contraturnos de 42 tempos (7 x 6t). Na opção 3, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 45 minutos de tempo de aula, 20 semanas, recuperação paralela, nenhum tempo livre na semana, 5 períodos com sábado e contraturnos de 6 tempos

(1 x 6t). Na opção 4, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 45 minutos de tempo de aula, 20 semanas, recuperação paralela, nenhum tempo livre na semana, 3 períodos com sábado e contraturnos de 18 tempos (3 x 6t). Na opção 5, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 45 minutos de tempo de aula, 20 semanas, recuperação paralela, nenhum tempo livre na semana, nenhum período com sábado e contraturnos de 36 tempos (6 x 6t). Na opção 6, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 50 minutos de tempo de aula, 18 semanas, recuperação final, nenhum tempo livre na semana, 5 períodos com sábado e contraturnos de 6 tempos (1 x 6t). Na opção 7, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3240 h, 50 minutos de tempo de aula, 18 semanas, recuperação final, nenhum tempo livre na semana, nenhum período com sábado e contraturnos de 36 tempos (6 x 6t). Na opção 8, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3267 h, 50 minutos de tempo de aula, 20 semanas, recuperação paralela, nenhum tempo livre na semana, nenhum período com sábado e contraturnos de 16 tempos (4 x 4t). Na opção 9, a duração é de 3 anos, Carga horária de 3267 h, 50 minutos de tempo de aula, 20 semanas, recuperação paralela, 2 tempos livres na semana, 2 períodos com sábado e contraturnos de 16 tempos (4 x 4t).

O professor Leonardo perguntou sobre o tempo de 50 minutos, se será diminuído os intervalos ou se vai ultrapassar o horário, complicando o horário da noite. O diretor Eduardo exemplifica com o Campus Caxias que tem o curso de Plásticos que funciona com tempo de 50 minutos. As aulas começam às 7:00, intervalos de 20 minutos e o turno termina às 12:20. E o outro turno começa às 12:40. Da tarde para a noite vai direto e mesmo matando o intervalo, as aulas terminam às 22:50. Prejudica os professores e alunos no almoço e no horário muito tarde para finalizar o turno da noite. Apresentou também um modelo de horário sem intervalo, mas que ele entende que é contra a lei e inviável. A Graduação obrigatoriamente precisa trabalhar com o tempo de 45 minutos que vai gerar problema na tarde e na noite, caso o professor dê aula na Graduação e no Técnico, devido ao conflito de horário.

O professor Hudson comentou sobre a experiências do MSI de ter os tempos ímpares: disciplinas de 3 e 5 tempos que se fazia em 40 minutos. O maior problema ele entende que tem a ver com as salas ocupadas pelos cursos da tarde dando conflito com o início da Graduação noturna, mas entende que é possível se organizar. Lembrou que o nosso Campus tem um desafio maior em relação aos demais campi, pois há cursos integrados, além do MSI. Pode não ser um problema para o turno da noite caso todos prefiram ficar somente com o da tarde, e os da noite, manter os 50 minutos. O diretor Eduardo agradeceu e disse que pode-se simplificar se for necessário e vir a discutir todos os cenários nas reuniões seguintes.

O diretor Eduardo responde ao professor Márcio que para as equivalências não há necessidade de mesma carga horária. A equivalência é feita pelas Ementas.

A professora Sharon disse que a equipe dela observa que as aulas da noite nunca vão até às 22:40, então, a disciplina de seis tempos transforma-se em quatro tempos. Portanto, na prática, a equipe considera que só vai mudar no papel.

A professora Cristiane Mauad entende que a última opção (sem intervalo) é complicado, pois todos precisam se alimentar e a própria necessidade de focar fica prejudicada. Ela entende que é prejudicial para o estudante. Eduardo Coelho concordou e lembrou da importância de dosar cada proposta.

O coordenador Miguel Terra reforçou o problema do horário noturno de aumentar para 50 minutos, e não vê problema de ter um esquema diferente dos outros turnos. Sugere reduzir o tempo de intervalo. O diretor Eduardo comenta sobre algumas simulações para PMQ e MSI. Diz que isso será discutido posteriormente de forma mais específica, e o professor Miguel concordou, reforçando a inviabilidade dos tempos ímpares.

A professora Luciana comentou sobre a forma que foi perguntado no questionário em relação à preferência dos alunos em ter contraturnos do que aulas aos sábados e só ter

contraturnos em dois períodos em mais dois. A percepção para quem recebe esta pergunta é que o sábado fica mais exaustivo, mas se fossem os cinco períodos entrando às 7:00 e saindo no final do dia, pareceria mais exaustivo. Ela acha que a forma que a pergunta foi elaborada para o questionário pode gerar diferentes respostas. Exemplifica comparando as respostas dadas diferentes para assuntos semelhantes, no caso do questionário da DE e da Química. Ela entende que não dá para se precipitar em algumas conclusões. Sobre os 50 minutos, é necessário mais dados para analisar e promover uma discussão mais bem embasada para as outras questões, exemplo, quantas salas, quantos professores vão precisar se alimentar ou terão conflitos de horário. Acredita que mais aulas de sábado libera mais salas durante a semana para os alunos poderem fazer projetos. Lembra também de considerar o ideal e o real. Acha importante se colocar no lugar dos alunos, por exemplo, ficando sem comer, e com professores que emendam o curso da tarde com o da noite. Eduardo agradece e reforça que são muitas as variáveis e explica que precisa de uma conversa mais próxima com os alunos ao invés de uma questionário bruto.

O professor Frederico comentou sobre os cursos integrados no último período da noite, ficariam com o tempo de aula diferente dos tempos do restante do curso, no caso de terem tempos diferentes. Perguntou se manter a PMQ de noite pode manter o tempo diferente da manhã. O diretor Eduardo respondeu que é possível sim, pois o tempo é destinado a cada curso específico, como no caso do curso de Plásticos em Caxias e os demais.

O professor Frederico disse que o que o professor Márcio escreveu no chat, ele também concorda sobre o horário do noturno ser fictício e determinar em torno das 22:00.

O diretor Eduardo disse que desconhece cursos com tempos de aula diferentes em cada período.

O professor Leonardo disse ficar incomodado com os professores quererem usar as respostas dos questionários como absolutas. A maior parte dos alunos que responderam concluíram o curso, mas quem os alunos que evadiram não se teve respostas, não sabemos os motivos. Comentou também de respostas de alunos que se formaram há 30 anos, ou seja, não correspondem ao atual cenário. Eduardo agradeceu e concordou.

O diretor Eduardo passou para o próximo ponto da pauta, recuperação paralela. Segundo Eduardo, a recuperação paralela afeta algumas coisas e é preciso olhar para as vantagens pedagógicas e desvantagens dessas abordagens, e o número de dias letivos. Ambos são importantes. Apresentou o calendário 2023.1 e 2023.2. No primeiro deles, há 93 dias letivos sem sábados até COC GF, sendo que dos 7 dias que faltam, 4 feriados e 0 recessos, e 7 sábados necessários para completar 100 dias letivos. No de 2023.2, são 93 dias letivos sem sábados até COC GF, sendo 7 dias que faltam, 5 feriados e 0 recessos, e 7 sábados necessários para completar 100 dias letivos. Mesmo em 20 semanas, ainda assim faltarão 7 dias que teriam que ser trabalhados nos sábados. Se resolver não trabalhar aos sábados, estes podem ser utilizados para reposição dos feriados (para 2023.2 seriam 5 sábados); atividades/eventos (para 2023.2 seriam 2 sábados com contagem de frequência); atividades de recuperação paralela; reuniões gerais (Ex: 2 por período letivo) e reuniões pedagógicas. Listou as formas de desenvolvimento da recuperação paralela: aulas e avaliações em contraturno/sábado; utilizar o tempo de atendimentos ao aluno; avaliações ou orientações via atividades para casa, podendo ser utilizado turma virtual; trabalho diferenciado e contínuo em sala de aula (orientação mais próxima de alunos em recuperação paralela enquanto o restante da turma faz atividade autônoma); após as avaliações, trabalhar parte da carga horária da disciplina de um dado dia letivo com apenas com o grupo de alunos em recuperação paralela.

O professor Márcio disse que foi professor por 20 anos na Estadual de Educação. Comentou que lá eles trabalham com 200 dias letivos e garantem 15 dias no meio do ano e 30 dias no final do ano. Sugere igualar o nosso calendário com o deles para termos qualidade de vida, passarmos férias com a família. Lembra também que há feriados municipais que não são

contabilizados. A carga horária também está acima do mínimo exigido. Ele entende que atendemos à legislação. Sugere fazer igual a outras instituições de ensino. Acrescenta também que recuperação paralela também conta como dia letivo nestas outras instituições e também porque acontecem fora do horário normal de aula. O diretor Eduardo disse que os dias letivos constam na LDB e que a recuperação segundo a lei não conta como dia letivo. Lembrou que nas aulas suspensas por causa de jogo no Maracanã recomenda-se fazer uma atividade para repor.

O professor Thiago Saide perguntou qual é a carga horária de um dia letivo para que seja contabilizado como dia letivo. Comentou que a equipe de Biologia em 2012 e talvez 2013, trabalhou com a recuperação paralela, e no final do período, era aplicada uma prova no sábado (dia em que as TMs não tinham aula). Sendo assim, se a recuperação paralela for feita em outro turno, poderia ser contado como dia letivo, mas aí abriria mais um contra turno. O diretor Eduardo disse que contraturno não conta como dia letivo, mas horas letivas, e recuperação paralela não contabiliza, mesmo com avaliação de sábado, segundo as leis. Acrescenta que a recuperação final também não conta como dia letivo/carga horária de aula, somente conta como carga horária de trabalho.

O professor Hudson disse que a nossa recuperação paralela equivale a um reforço escolar em certa medida, uma vez que é necessidade dos alunos. Se ocorrer em 9 semanas, com 2 tempos dá equivalência de horas da recuperação final. Acredita ser vantajoso. Acha importante pensar em como usamos o nosso tempo de atendimento dos estudantes. Acha que precisa discutir como acrescentar isso no PIT. Acha que no curso anual é mais fácil para colocar essas situações. Sobre não cumprir os dias letivos e que são aprovados nas escolas estaduais, isso é da responsabilidade do gestor que aprovou isso. O calendário oficial é aprovado pela Secretaria Estadual e ele desconhece as particularidades deles. Em relação ao IFRJ, fazemos 200 dias, e na prática, ficamos com um ano de 230 dias. A carga horária do curso é uma e a nossa é outra por causa do PIT, trabalho intelectual é difícil de contabilizar, não é possível transpor em horas. O diretor Eduardo acrescentou que ajudaria ter uma sala de atendimento do aluno pelo professor (atendimento pontual). Mesmo com os problemas de espaço, é uma prioridade. Quando o problema é a turma como um todo, aí sim deve-se marcar uma sala para contraturno.

A professora Cristiane Mauad concorda com a sala de atendimento do aluno, mas não para recuperação paralela, já que há necessidade de espaço físico maior. Ela questiona se precisa necessariamente ser presencial e sugere que seja online, conforme ela já faz com seus alunos de maneira informal. Perguntou se existiria a possibilidade de encaminhar a gravação dessa reunião para a equipe dela. Todos concordaram em compartilhar a gravação desta reunião entre as equipes dos cursos. O diretor Eduardo disse que vai fazer uma consulta se é possível fazer online a recuperação paralela, mas a princípio, ele não vê problemas. A professora Cristiane Mauad comentou sobre o NAPNE e a carga horária segundo uma reunião da Proen. Segundo ela, a Pro reitora Alessandra disse que o diretor de ensino pode cadastrar como uma turma para os professores que trabalham no NAPNE.

O professor Hudson disse que o que eles orientam é registrar as horas semanais que foram feitas com o aluno, este é o espaço que eles encontraram. Essa discussão não conseguiu ser incorporada na contabilização. Ele sugere colocar no PIT como “outras atividades de ensino”, pois não tendo turma no SIGAA, conseqüentemente ela não existe.

O professor Frederico compartilhou sua experiência de recuperação paralela anual no Espírito Santo. Ela era entre professor e aluno, de preferência no contraturno, não havendo necessidade de sala de aula no caso de poucos alunos. Eram dois encontros pelo menos: um para repôr o conteúdo da aula com tempo igual da aula teórica, e marcava uma avaliação e valia a nota mais alta. No IF, ficava facultativo ser online ou não. No dia dos Conselhos não havia aula, mas era contado como dia letivo. A carga horária extra da recuperação paralela

não era contabilizada no PIT, juntava duas avaliações que podiam somar até 25 pontos, que no IFRJ equivaleria até 10 pontos. Não há nada falando sobre período de recuperação, isso é ocultado do calendário, mas contado como dia letivo. Este somatório faz não haver necessidade de usar os sábados. E quando tinha algo de sábado, eram eventos culturais. E cada sábado utilizado correspondia a um dia da semana. Lá não havia problema de falta de sala. Para cada disciplina era possível até 15% da carga horária para EAD. O professor Leonardo quis saber se a carga horária é hora aula ou hora relógio. O professor Frederico disse que era hora aula, cada aula com 50 minutos. O diretor Eduardo disse que algo parecido acontece na Semana de Química.

A professora Luciana perguntou se as 20 semanas implicam no aumento da carga horária, precisando tirar alguns dias letivos. Eduardo disse que não há necessidade, dá para manter, pois o que importa é ter o mínimo. Desse jeito fica com menos contraturnos. Ela comentou que a recuperação paralela permite ao aluno ter mais de uma avaliação e mais tempo para rever os conteúdos. Disse que gostou dos relatos dos professores Frederico e Saide. Também acha que muitos alunos optam pela recuperação final ao invés da paralela. Se for instituída a paralela, ela acredita que terá uma maior adesão e um melhor resultado. O diretor Eduardo agradeceu. Disse que a Proen quando manda o calendário, já coloca os dias letivos com uma Portaria determinando os prazos para os Conselhos, é um esquema rígido, e só é possível marcar o G2 depois de 100 dias letivos, não há autonomia de colocar Conselho como dia letivo.

O coordenador Rudyard trouxe informações da legislação em relação à recuperação paralela e a sua experiência. O microfone dele não estava bom, o que dificultou escrever o seu relato. Segundo ele, para os alunos com maior autonomia era sugerida uma atividade que pudessem fazer de forma autônoma, como uma lista de exercícios, a leitura de um texto com questionário. Para os que precisavam de maior acompanhamento, eles utilizavam da “zona proximal” de Vigotsky. Explicou também sobre a “tabela de avaliação”. O diretor Eduardo agradeceu e sugeriu que poderia ser organizado um texto resumido com estas experiências relatadas para ser encaminhado posteriormente com os slides.

O professor Sérgio colocou a importância sobre a qualidade da recuperação paralela e julga isso mais importante do que discutir horário e outras questões institucionais. Acha importante saber o objetivo e lembrou dessa mesma discussão há dez anos atrás, onde a recuperação foi imposta suprimindo a recuperação final. As experiências anteriores que ele teve relacionadas a contato pessoal com os alunos e teve ótimos resultados. Em 2015 ele observou que os alunos não vinham na prova porque já sabiam que teriam uma segunda chance, e aí não havia um acompanhamento, antecipar os problemas e resolvê-los com antecedência. Acha importante conscientizar os alunos dessa importância. Acha também que ter a recuperação final não impede de ter a paralela. Acrescentou que é importante lembrar que a recuperação paralela deve ser um processo para dar tempo de uma readaptação do aluno e acompanhamento. Sobre ser online, ele lembrou dos “estudos autônomos orientados” (atividades que substituiriam quando os encontros presenciais não fossem possíveis) que foram criados por causa da falta das salas. O diretor Eduardo agradeceu e comentou que poderia não ter o G2 como já acontece no MSI. Ele entende que o estudo orientado não haveria necessidade de virar uma consulta, não haveria problema.

O professor Sampaio disse que sentiu-se contemplado nas falas de Rudyard, Luciana e Frederico. Ele pensa a recuperação como recuperar conteúdos e não como fazer avaliações. Acha importante ter formas de contabilizar, conforme Rudyard e Frederico disseram. O diretor Eduardo agradeceu e disse que a recuperação tem sido num período de seis dias nestes períodos de calendário reduzido.

O professor Leonardo disse achar interessante o relato do professor Frederico em relação aos sábados (repetição dos dias da semana) e sugeriu uma simulação para diminuir o número

de sábados com aulas. para mudarmos o calendário, talvez valeria a pena levar este tema para o CAET. O diretor Eduardo agradeceu e disse que acha difícil dar um direcionamento devido ao que está escrito, precisando usar a criatividade. Solicitou que quem tiver algum documento que fale sobre recuperação paralela, compartilhe.

O professor Miguel perguntou se a carga horária da recuperação não entrava na carga horária dos professores do PIT, ou seja, há uma perda de duas semanas de trabalho de acordo com o que foi dito.

A coordenadora Rafaela disse que não conseguiu concordar que a recuperação paralela não entre como carga horária, já que nas duas últimas semanas os professores não estão de férias. Comentou que não é possível dissociar a lei da interpretação dada a ela. Exemplificou com o Santa Monica dizendo que lá havia um projeto dentro de uma semana que previa a apresentação de uma maquete num dia da semana, era um projeto cultural previsto no plano pedagógico e com atribuição de frequência. Frequência não é o mesmo que presença em sala de aula para o IFRJ. Isso conversa com a recuperação paralela. Disse que concordava com a fala do professor Sampaio. Não necessariamente atividade letiva é o mesmo que aula, e por isso possa ser um limitador para o IFRJ.

O diretor Eduardo comentou que a LDB e outras leis dão abertura para o que é atividade letiva. A seguir, recapitulou o posicionamento das coordenações e estudantes, e sugeriu que fossem levados para as equipes.

A professora Márcia Guerra perguntou se há obrigação de um contraturno por período e se pode colocar mais de um contraturno no início do curso.

O diretor Eduardo disse que não há problema. A professora Cristiane disse que faltariam salas provavelmente.

O professor Leonardo comentou que no início do curso, se o aluno tiver defasagem de base, poderia ser complicado acrescentar contraturnos ao mesmo tempo, pois faltaria tempo para este aluno estudar e adquirir base. Ele é contrário a qualquer proposta que coloque seis ou mais contraturnos por causa do estágio e do que ele falou anteriormente. lembrou também das monitorias, ICs, projetos de extensão e que complicaria a participação dos alunos nestas atividades.

O diretor Eduardo disse que o próximo CPC será para definir o formato dos cursos. Sem mais a acrescentar, a reunião foi finalizada.

Registro de presença

Nome completo	Representação
Leonardo Emanuel de Oliveira Costa	C T de Alimentos
Monica Souza	vice coordenação de códigos e linguagens
Rafael de Freitas Lopes	Subcoordenador de Matemática
Frederico Goytacazes de Araujo	Subcoordenador Química Analítica
Sharon Landgraf Schlup	Coordenação Farmacia
Luiz Guilherme Kochem Mathias	Filosofia
Roberta Kuan Tchuen de Mello Loh	Coordenação do Curso de Ciências Biológicas
Livia Baptista Nicolini	Ciclo básico

Marcela Araújo Soares Coutinho	Vice-coordenação de Farmácia
Marcio Martins Loureiro	Vice coordenação da Graduação em Ciências Biológicas
Thiago Saide Martins Merhy	Biologia Básica
Luciana Barbosa Reis	Subcoordenação de Língua Portuguesa
Carla Cristina de Souza	Carla Cristina de Souza (coordenação de Linguagens e Códigos)
Rosângela Aquino da Rosa	Pós-graduação em Ensino de Ciências com ênfase em Biologia e Química
Hudson Santos da Silva	CONAPNE
Priscila Marques de Siqueira	Curso Técnico em Meio Ambiente
Sérgio Maciel Júnior	Convidado Curso de Farmácia
Mariana Paranhos Stelling	Coordenação do curso técnico de Biotecnologia
Cristiane Ribeiro Mauad	Coordenação do Curso Técnico Integrado em Química
Harley Moraes Martins	Curso Técnico de Meio Ambiente
Adriana de Aquino Soeiro Felix	Vice coordenação PMQ
FLÁVIA CARVALHO DE SOUZA	PROCESSOS QUÍMICOS
ANDRÉA CORTEZ DOS SANTOS	COEX e DEPI
David da Costa Aguiar de Souza	Equipe de Sociologia
José Sampaio de Oliveira	Ciência da Natureza e Matemática
Fernanda Pereira Toste Izidoro	Educação Física
Simone Maria Ribas Vendramel	Curso técnico de Meio Ambiente
Regina Kazumi Fukuda	Subcoordenacao de Estatística
Rafaela Thereza Pereira Sant'Anna	Coordenacao geral de educação
Carla Cristina de Souza	Carla Cristina de Souza (coordenação de linguagens e códigos)
FLÁVIA CARVALHO DE SOUZA	PROCESSOS QUIMICOS
Katia Correia da Silva	Coordenadora geral de educação
Rafaela Thereza Pereira Sant'Anna	Coordenadora geral de cursos
Eduardo Coelho	Diretor de Ensino